

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE ENFERMAGEM E SAÚDE COLETIVA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA

ALESSANDRA XAVIER BUENO

**CORPOS EM MOVIMENTO NA CIDADE:
UMA *FLANÉRIE* PELA AVENIDA PAULISTA**

Porto Alegre

2018

ALESSANDRA XAVIER BUENO

**CORPOS EM MOVIMENTO NA CIDADE:
UMA *FLANÉRIE* PELA AVENIDA PAULISTA**

Dissertação de Mestrado apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Escola de Enfermagem e Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para obtenção de título de mestre.

Área de concentração: Saúde Coletiva
Linha de Pesquisa: Saúde, Sociedade e Humanidades
Orientador: Prof. Dr. Alcindo Antônio Ferla

Porto Alegre

2018

CIP - Catalogação na Publicação

Bueno, Alessandra Xavier
Corpos em Movimento na Cidade: uma Flanêrie pela
Avenida Paulista. / Alessandra Xavier Bueno. -- 2018.
62 f.
Orientador: Alcindo Antônio Ferla.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Escola de Enfermagem, Programa de
Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Porto Alegre, BR-RS,
2018.

1. Corpo. 2. Cidade. 3. Saúde Coletiva. 4. Práticas
Corporais. I. Ferla, Alcindo Antônio, orient. II.
Titulo.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Alessandra Xavier Bueno

Corpos em Movimento na cidade: uma *flanêrie* pela avenida paulista

Aprovado em 18 de outubro de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luciano Bezerra Gomes - UFPB

Prof. Dr. Daniel Canavese de Oliveira – UFRGS

Dra. Giliane Dessbesell – SMED POA/RS

Orientador – Prof. Dr. Alcindo Antônio Ferla - UFRGS

AGRADECIMENTOS

Foram muitas pessoas que caminharam comigo durante o percurso deste trabalho, mas um agradecimento especial ao meu orientador e amigo Alcindo Antônio Ferla, que mesmo no meio dos temporais da vida, me ajudou a entender que ainda há vida (e potência) – combustível para completar a etapa de estudo que culmina neste texto.

À professora Érica Duarte Mallman que me acolheu como filha e foi um braço forte de sustentação para eu seguir adiante (Nunca esquecerei das noites de conversa e da Lentilha *á moda da casa*).

À querida Renata Trepte por compartilhar alegrias e tristezas, risadas que nos faziam chorar (de rir) e choro que nos ajudavam elaborar a vida (para voltar a sorrir).

À todas aquelas que não nomeei aqui, mas que me acompanharam durante este tempo de mestrado e que guardo o carinho nas lembranças.

Muito obrigada.

RESUMO

Introdução: As relações entre o corpo e a cidade são objetos de estudo de vários campos disciplinares e, ao mesmo tempo, produzem diferentes planos de análise. Objetivo: Este trabalho teve por objetivo identificar sentidos e analisar conexões na relação entre corpo e cidade, tendo a experiência empírica da pesquisadora na avenida Paulista como suporte contextual para a produção do texto. Métodos: Partindo da pergunta “como a experimentação da cidade e os efeitos no “corpo-pesquisadora” produzem conhecimento em saúde?”, a pesquisadora se utiliza da imagem conceitual do flâneur como figura sensível que inspira o modo de olhar a cartografia, modo este em que a escrita é produzida e que configura uma metodologia de pesquisa. Neste texto também é problematizado o processo de abertura para uma escrita cartográfica e os anseios produzidos a partir de uma formação pautada na ciência positivista. As principais contribuições teóricas estão no campo da saúde coletiva, das ciências sociais e humanas e das ciências do movimento. Resultados: No primeiro capítulo, “A pesquisadora: sujeito ou objeto de pesquisa?”, é posta em análise as sensações e memórias da pesquisadora ao se propor a uma “outra escrita acadêmica”. No segundo capítulo intitulado “A caminhada e o olhar pela flânerie”, a pesquisadora faz as primeiras aproximações de sua experiência na avenida Paulista em diálogo com alguns autores. No terceiro capítulo descreve sobre as inspirações metodológicas. No quarto capítulo “Domingo de sol na Paulista”, a pesquisadora explora cenas da experiência como fragmentos que vão se unindo para compor a produção do conhecimento. No último capítulo, antes das considerações finais, intitulado “Corpos em Movimento e Diversidade”, a pesquisadora produz composições com o conceito de corpografia propondo aberturas para trabalhos futuros. Aplicabilidade: No seu todo, a dissertação apresenta contribuições teóricas e metodológicas para analisar as relações entre o corpo e a cidade, o corpo e a saúde, o corpo e o movimento e a produção social do corpo.

Palavras-chave: corpo, cidade, flânerie, corpografia

ABSTRACT

Bodies in movement in the city: a flânerie down the Paulista avenue

Introduction: The body and the city are the objects of study in several disciplinary fields and produce different ways of analysis. Objective: This work aimed to identify meanings and analyze connections in the relationship between body and city, from the empirical evidence produced at Paulista Avenue (Sao Paulo-Brazil), as contextual support to produce the writing of experience. Methods: Departing from the question "how do the experimentation of the city and the effects on the "body-researcher" produce knowledge in health?", the researcher uses the conceptual image of the *flâneur* as a sensitive figure, inspiring the way of Deleuzian cartography, in which writing is produced and that configures a research methodology. This dissertation also questions the "cartographic writing" and the desires that emerged in positivist science. The main theoretical contributions of the research are in the fields of collective health, social and human sciences, and movement science. Results: The results were presented in chapters. The first chapter analyzes the senses and memories of the researcher when she proposed "another academic writing". In the second chapter, "The walk and the flânerie gaze", the researcher covers her experiences in Paulista Avenue in dialogue with some authors. In the third chapter, she describes the methodological inspirations. In the fourth chapter, "Sunny Sunday at Paulista Avenue", the researcher explores scenes from her experience as fragments that will come together to compose the production of knowledge. In the last chapter, before the final considerations, entitled "Bodies in Movement and Diversity", the researcher analyses her experience through the lens of the corpography concept, leading to new propositions for future works. Applicability: As a whole, the dissertation presents theoretical and methodological contributions to analyze the relations between the body and the city, the body and movement, as well as the social production of the body.

Key words: body, city, flânerie, embodiment

LISTA DE IMAGENS

<i>Imagem 1: Identidade visual do projeto Observatório Saúde em Movimento</i>	18
<i>Imagem 2: Mapa mostrando o percurso feito na Paulista pela pesquisadora</i>	41
<i>Imagem 3: Ação educativa de trânsito para bicicletas e pedestres na Paulista Aberta</i>	43
<i>Imagem 4: Slackline no cruzamento da Paulista em dia de Paulista Aberta</i>	44
<i>Imagem 5: Meninas do slackline no vão da Paulista em dia de Paulista Aberta</i>	45
<i>Imagem 6: Grupo de jovens dançando na Paulista Aberta</i>	47
<i>Imagem 7: Manifestantes em prol das forças armadas</i>	48
<i>Imagem 8: Grupo espontâneo de dança na Paulista Aberta conduzido por uma mulher</i>	50

SUMÁRIO

PRÓLOGO	9
INTRODUÇÃO	10
A PESQUISADORA: SUJEITO OU OBJETO DE PESQUISA?	12
SOBRE OUTRAS LEMBRANÇAS DE PESQUISA	15
A MORTE DA PESQUISADORA (30.07.2018).....	19
A CAMINHADA E O OLHAR PELA <i>FLÂNERIE</i>	24
CAMINHADA METODOLÓGICA	33
DOMINGO DE SOL NA PAULISTA	40
CORPOS EM MOVIMENTO E DIVERSIDADE	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	61

A Menininha

Era uma vez uma menininha bem pequenininha que começou a frequentar uma casa bem grande. Era uma escola, mas para ela era como se fosse um castelo encantado, povoado de fadas e duendes onde sua imaginação corria solta.

Uma manhã, a professora (para ela quem sabe, a fada madrinha) disse com voz doce:

- Hoje nós vamos fazer um desenho.

Que legal, pensou a menininha. Ela gostava de desenhar bichos, super-heróis, casas, barcos...

Pegou a caixa de lápis de cor e começou a desenhar com entusiasmo. Mas, a voz da professora, já não tão doce, interrompe sua viagem na fantasia.

- Esperem, só vamos começar quando todos estiverem prontos.

- Agora sim – diz a professora – nós vamos desenhar flores.

A menininha novamente, pegou seus lápis coloridos e começou a desenhar flores azuis, amarelas, laranjas. Mas, novamente, a voz da professora, agora metálica como tesoura, corta o seu barato.

- Esperem, vou mostrar como se faz uma flor. E desenha uma flor vermelha de caule verde.

- Assim que se faz, diz a professora – agora podem começar.

A menininha olha para suas flores, gostou mais das suas, mas não podia dizer isto. Virou o papel e desenhou uma flor igual à da professora – vermelha com caule verde.

Outro dia, a menininha estava em aula ao ar livre, céu aberto, brisa fresquinha, cenário ideal para ser feliz. A professora, já não tão fada, mas, quem sabe, uma boa madrinha, fala com voz pausada.

- Hoje iremos fazer alguma coisa com barro.

Ah! Que legal, eu adoro brincar com barro – pensou a menininha. Foi logo imaginando quanta coisa podia fazer: tartaruga, patinhos, bolinhas de gude...

Começou logo a juntar e amassar a bola de argila que estava na sua frente.

- Esperem, não é hora de começar, disse a professora, vamos esperar que todos estejam prontos.

- Agora podemos começar. Nós iremos fazer um prato.

Um prato também pode ser legal, pensou resignada a menininha, posso fazer um para dar comida para o meu gatinho, ou um bem pequenininho para o meu periquito.

- *Esperem, vou mostrar como se faz*, diz a voz enfática daquela que sempre sabe como fazer (a professora).

E fez um prato grande e fundo.

A menininha olhou para o prato da professora e olhou para seu pratinho que já tinha saído entre seus dedinhos enquanto imaginava.

Gostou mais do seu, mas não podia dizer isto. Amassou seu barro numa grande bola e fez um prato grande e fundo, como o da professora.

E muito cedo, a menininha aprendeu a olhar e a esperar, e a fazer as coisas exatamente como as da professora.

E muito cedo, ela desaprendeu a fazer as coisas por si própria.

E aconteceu que um dia, a menininha um pouco mais crescida, teve que mudar de escola. Uma escola maior do que a primeira, para ela, nenhuma fantasia de castelo encantado, mas era uma escola bonita.

Um dia, a nova professora dá o seu recado:

- *Gente, hoje nós vamos desenhar!*

Que bom, pensou a menininha, com menos entusiasmo que antes, mas ele ainda gostava de desenhar, ou melhor, copiar os desenhos da professora.

E a menininha ficou caladinha, rosto apoiado nas mãos, esperando que a professora dissesse o que fazer.

Mas ela não disse, apenas passeava pela sala, olhando cada um com seu doce olhar.

Até que chega a menininha e pergunta:

- *Você não quer desenhar?*

- *Quero sim, mas o que vamos fazer?*

- *Eu não sei, você é que deve saber.*

- *Mas, como eu posso fazer?*

- *Da maneira como você gostar.*

- *E de que cor?*

- *Se todo mundo fizesse o mesmo desenho e usasse as mesmas cores, como eu iria saber qual é o desenho de cada um?*

- *Eu não sei* – responde a menininha, balançando negativamente a cabeça.

Pega seu lápis de cor e desenha uma flor vermelha com caule verde.

TEXTO DE HELEN E. BUCKLEY
Adaptação de Terezinha Araújo
Com uma mexidinha de Alessandra Bueno

INTRODUÇÃO

Este texto é puro movimento. Foi escrito também com minhas pernas. Conta de um processo que iniciou com a entrada no mestrado em Saúde Coletiva e que perturbou o corpo-pesquisadora. Nasceu junto com o impeachment da primeira mulher a ser presidente do Brasil e se encerra a duas semanas do término das eleições presidenciais, disputada entre o fascismo e a democracia. Não houve a menor pretensão de que este trabalho não fosse perturbação.

Lembrando de Maturana a partir da imagem conceitual de autopoiese, “aquilo que vem de fora, não determina ou instrui o que acontece internamente num sistema vivente, mas apenas perturba, disparando processos que são auto-reguladores” (PELLANDA, 2009, p.22). Utilizo essa ideia como metáfora para compor esse texto. Ele também é político. Não só pelo momento político brasileiro ter produzido perturbações em mim enquanto alguém que necessita olhar para a sociedade enquanto pesquisadora, mas também porque exercita um outro modo de produzir conhecimento em relação à ciência positivista, especialmente no campo da saúde. Maturana nos lembra que “a cognição é inseparável do processo de viver e não pode ser considerada fora dessa condição”(PELLANDA, 2009, p.26).

O objetivo deste trabalho foi encontrar sentidos e analisar conexões na relação corpo e cidade – sentidos e conexões que são produzidos a partir da experimentação do corpo-pesquisadora. Composto por cinco capítulos, este texto ensaístico apresenta as aproximações teóricas da pesquisadora em um “novo caminhar” pelo mundo da produção do conhecimento permeado por uma escrita cartográfica. O primeiro capítulo traz a problematização de se produzir uma dissertação onde a aprendizagem se faz pela abertura ao estilo de escrita. O segundo, pela composição textual acerca da *flânerie*, onde o *flâneur* de Walter Benjamin é figura sensível que inspira o modo de olhar da cartografia. O terceiro, diz respeito às inspirações metodológicas que compuseram esta caminhada. Caminhada, aliás, que é uma metáfora, mas também o exercício cotidiano para colocar o corpo e o pensamento em movimento, tal qual o *flâneur*. O quarto capítulo conta do objeto: a *flânerie* pela Paulista, os elementos que vibram no corpo e que saltam aos olhos; despertam pensamentos e compõem a produção de conhecimento. Não só o olhar do *flâneur* se faz importante, mas também o ato da

caminhada na perspectiva da resistência, em contraponto à utilidade dos caminhos. O quinto e último, diz respeito à ideia de corpografia apresentada a partir de leituras de Paola B. Jacques que traz sentido à produção de conhecimento a partir da *flânerie*, onde corpo e cidade interagem.

O suporte contextual para este trabalho, ou seja, a experiência empírica escolhida para compor este texto, foi experienciada na avenida Paulista em dia de Paulista Aberta. A Paulista Aberta faz parte do projeto Ruas Abertas da cidade de São Paulo, instituído pelo Decreto Nº 57.086, de 24 de junho de 2016, no qual a Avenida Paulista é apenas uma das diferentes ruas que fecham para os carros e abrem para as pessoas¹.

Esta produção se faz a partir de uma escrita cartográfica inspirada em Suely Rolnik (2011, p.23) que diz que a cartografia “acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos”. Para a autora, as paisagens psicossociais também são cartografáveis, não somente as geográficas. “A tarefa do cartógrafo é dar língua para afetos que pedem passagem”(ROLNIK, 2011, p.23).

¹ O mapa das ruas abertas de SP pode ser visto em: <https://www.ruasabertas.minhasampa.org.br>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, W. O Narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Walter Benjamin - Obras Escolhidas: magia, técnica, arte e política**. 7 ed. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197–221.

BIONDILLO, R. **Walter Benjamin e os caminhos do flâneur**. [s.l.] Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), 2014.

BRANDÃO, Ignácio de L. **Paulista Símbolo da Cidade**. Banco Itaú. Editora Unida Artes Gráficas. São Paulo. 1990.

BRITTO, F. D.; JACQUES, P. B. Corpocidade: arte enquanto micro-resistência urbana. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 21, n. 2, p. 337–350, 2009.

D'ANGELO, M. A modernidade pelo olhar de Walter Benjamin. **Estudos Avançados**, v. 20, n. 56, p. 237–250, abr. 2006.

FERREIRA, M. G. Corpo/Cidade: uma corpografia do medo. **Contemporânea**, v. 9, n. 2, p. 86–98, 2011.

FONTES, J. B. O corpo e sua sombra (prefácio). In: SOARES, C. L. (Ed.). . **Corpo e História**. 4ª ed. Campinas - SP: Autores Associados, 2011.

GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G. L.; GOELLNER, S. V. (Eds.). . **Corpo, Gênero e Sexualidade: Um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis -RJ: [s.n.]. p. 28–40.

JACQUES, P. B. Elogio aos errantes. In: JEUDY, H. P.; JACQUES, P. B. (Eds.). . **Corpos e Cenários Urbanos: territórios urbanos e políticas culturais**. Salvador: EDUFBA, 2006. p. 117–139.

JACQUES, P. B. Corpografias urbanas: a memória da cidade no corpo. In: VELLOSO, M. P.; ROUCHOU, J.; OLIVEIRA, C. DE (Eds.). . **Corpo: identidades, memórias e subjetividades**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009. p. 129–139.

KINCHELOPE, J. L.; MCLAREN, P. Repenando a teoria crítica e a pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Eds.). . **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa**. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 281–313.

LE BRETON, D. **Entrevista**. Disponível em: <https://www.diariodesevilla.es/ocio/Guardar-silencio-caminar-resistencia-politica_0_1183081790.html>. Acesso em: 5 jul. 2018.

MASSAGLI, S. R. Homem da multidão e o flâneur no conto “ O homem da multidão ”

de Edgar Allan Poe. **Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários**, v. 12, n. 12, p. 55–65, 2008.

MONTERO, P. Passagens na metrópole paulistana do século XXI. **Novos Estudos - CEBRAP**, n. 82, p. 191–199, nov. 2008.

NEGRI, A. Para uma definição ontológica da multidão. **Lugar Comum**, n. 19/20, p. 15/26, 2004.

ORTIZ, R. Walter Benjamin e Paris individualidade e trabalho intelectual. **Tempo Social; Rev. Sociol. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo**, v. 12, n. 121, p. 11–28, 2000.

PELLANDA, N. M. C. **Maturana e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

PEREIRA, M. DE A. et al. Pedagogia performativa e seus não-lugares: reverberações da khôra a partir de Platão, Derrida e Agamben. **Educar em Revista**, v. 34, n. 67, p. 121–137, fev. 2018.

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina / Editora da UFRGS, 2011.

SILVA, A. M. Verbete: Corpo. In: GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. (Eds.). . **Dicionário Crítico de Educação Física**. Ijuí: Unijuí, 2005. p. 99–100.

SOLNIT, R. **A história do caminhar**. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

WEARING, B.; WEARING, S. Refocussing the tourist experience: the flâneur and the choraster. **Leisure Studies**, v. 15, n. 4, p. 229–243, 1996.